

# Marcas da violência: os sonhos do personagem Sol Nazerman em *The Pawnbroker*, de Edward Lewis Wallant

**Vanderléia de Andrade Haiski**

(Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões)

**Resumo:**

Os eventos de extrema violência, como o Holocausto, deixam marcas profundas nos sobreviventes. Baseadas nesses acontecimentos surgem diversas narrativas, ficcionais ou não, como o romance *The Pawnbroker*, do judeu-americano Edward Lewis Wallant. Este artigo tem por objetivo analisar os sonhos do personagem Sol Nazerman, sobrevivente do Holocausto que vive o seu presente cercado pelas marcas dolorosas do tempo da guerra.

**Palavras-chave:** Holocausto. Trauma. Sonhos.

**Abstract:**

The events of extreme violence, such as the Holocaust, left significant marks in survivors. Based on these events there are several narratives, fictional or not, as the novel *The Pawnbroker* written by the American Jewish Edward Lewis Wallant. This article aims to analyze the dreams of the character Sol Nazerman, a Holocaust survivor who lives the present time surrounded by his painful scars of wartime.

**Keywords:** Holocaust. Trauma. Dreams.

Os sofrimentos humanos têm  
facetas múltiplas: nunca se encontra  
outra dor do mesmo tom.

(Ésquilo)

Cada pessoa resguarda, em sua memória – uma vez que esta é seletiva –, fragmentos do seu passado que estão articulados de várias formas e que surgem em sua percepção de maneiras diversas. Porém, o conhecimento que os indivíduos têm do passado é um tanto que ilusório, pois cada um desenvolve um senso de autoproteção contra as instabilidades à sua volta. Nesse sentido, ao articular o passado, este é organizado de modo que o sujeito se atenha às lembranças confortáveis e, com isso, a memória conduz à percepção de que ela é coerente, formando um todo ordenado, enfim, levando à impressão de que é estável. A ideia de que é possível controlar a memória, definir o que é importante ou não e organizá-la de modo a sentir-se confortável em relação a ela constitui-se numa forma de autoproteção principalmente daqueles indivíduos que sofreram algum tipo de trauma no passado. Seja como for, essa estabilidade não se sustenta se a ela for agregada a noção de dor ou de sofrimento.

O princípio básico da memória é o de que, se ela está ligada à ideia de autoproteção, de que é uma instância que trabalha no sentido de propor uma identidade e de busca pelo autoconhecimento, ocorre, então, que o sujeito reprime uma série de elementos do seu passado, e essa repressão é parte do seu processo de autoproteção. Nesse sentido, o sujeito que herdou dores do passado “finge” não carregar tantas dores como de fato carrega. Entretanto, muitas vezes, não é possível controlar esse processo de autoproteção e, como consequência, a memória de determinadas cenas traumáticas pode surgir imprevisivelmente e expor o sofrimento que estava até então reprimido. Assim sendo, é necessário lutar no sentido de superar essas dores e/ou esses traumas, embora, às vezes, essa dor seja mais forte do que a capacidade de superação. De qualquer modo, o importante é enfrentar a dor do passado de uma forma ou de outra.

Considerando o que foi exposto, o ser humano guarda, dentro de si, dores do passado que são mais fortes do que as suas capacidades de repressão. Assim, muitas pessoas que tentam reprimir memórias

dolorosas acabam tendo pesadelos como resultado das dores ou traumas vividos no passado e, em decorrência disso, acordam assustadas, suadas, cansadas, como se o corpo estivesse avisando que existe uma dor dentro delas e que essa dor não pode ser reprimida o tempo todo. Quando alguém experimenta uma situação traumática, é difícil definir ou reformular uma memória que seja confortável ou mesmo construir uma imagem do passado que supere o sofrimento dele advindo (GINZBURG, 2012).

Os eventos de extrema violência ocorridos no século XX – como a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, o Holocausto, as guerras de descolonização, entre outros – geraram memórias dolorosas oriundas das experiências traumáticas vividas nessas batalhas, nos massacres, nos campos de concentração, enfim, memórias que desejaram ser reprimidas ou apagadas por muitos que estiveram envolvidos nesses acontecimentos. Tais fatos levaram alguns estudiosos a pesquisarem sobre a relação existente entre uma experiência traumática e os sonhos. No ano de 1900, em “A interpretação dos sonhos”, Sigmund Freud desenvolve uma teoria geral do aparelho psíquico em relação aos sonhos. Segundo o psicanalista, os sonhos são a via régia pela qual se tem acesso ao conhecimento do inconsciente na vida mental (Freud, 1996). Anos mais tarde, em 1920, em “Além do princípio de prazer”, o psicanalista aborda mais especificamente as neuroses traumáticas oriundas de episódios violentos e que também se manifestariam através dos sonhos.

No romance *The Pawnbroker*, escrito pelo judeu-americano Edward Lewis Wallant, o personagem principal, Sol Nazerman, vive assombrado por suas lembranças do passado, dentre elas, o assassinato de sua esposa e de seus filhos em um campo de concentração. Nesse sentido, o protagonista, embora estando emocionalmente morto, percorre uma longa trajetória até reafirmar sua humanidade. Esse romance aborda a questão do trauma causado pelo Holocausto de forma comovente através da trajetória e memórias de Nazerman, um penhorista que mora no Harlem, em Nova Iorque, e que, após as situações de violência extrema por ele vivenciadas, torna-se claramente um homem solitário, isolado do mundo e que não consegue desvincular-se de seu passado atroz. Ele vive atormentado pelas memórias de seu doloroso passado.

A tentativa de repressão ou de controle das memórias de um passado traumático é uma experiência enfrentada pelo protagonista de *The Pawnbroker*, Sol Nazerman, que tenta subjugar de todas as maneiras as lembranças dos anos vividos nos campos de concentração, período em que testemunhou o sofrimento e a morte de sua família e de seus amigos. No entanto, tais memórias não podem ser totalmente reprimidas e, conseqüentemente, emergem durante o sono do personagem. No decorrer do romance, o narrador descreve nove sonhos de Nazerman. Esses sonhos aparecem repentina e imprevisivelmente no decorrer da narrativa, assim como também aparecem de forma inesperada durante o seu sono. De acordo com Freud (1996, p. 282-283), esse é um sintoma comum aos indivíduos traumatizados por situações de violência.

249

Essa ideia de que existe uma relação entre os sonhos e os traumas vividos por alguém encontra sustentação na própria teoria freudiana. No livro em que aborda a interpretação dos sonhos, o autor austríaco afirma que “[t]odo o material que compõe o conteúdo de um sonho é derivado, de algum modo, da experiência, ou seja, foi reproduzido ou lembrado no sonho” (FREUD, 1996, pg. 49). Contudo, adverte o estudioso, tal reprodução quase nunca é fiel à realidade. Ele explica que os sonhos dão um passo à frente, no sentido de que “não produzem mais do que *fragmentos* de reproduções” de cenas contidas na memória (FREUD, 1996, pg. 58). A partir dessas constatações, observa-se, pois, que há também um vínculo estabelecido entre sonho e memória. Calcado em estudos de alguns de seus contemporâneos tais como Scholz e Delboeuf, o psicanalista averigua que nada do que é registrado na mente humana pode se perder inteiramente, de forma que qualquer impressão, mesmo a mais insignificante, deixa um traço inalterável, indefinidamente passível de voltar à tona (FREUD, 1996, pg. 57). Com isso, portanto, trauma, sonhos e memória estariam inteiramente articulados.

Logo no início do romance, observando o aspecto sombrio e cansado de Nazerman se deslocando em direção ao seu trabalho, o narrador sugere que suas condições físicas e psicológicas, um tanto precárias, estejam relacionadas ao seu “sono problemático”, aos “fantasmas do seu sono”<sup>1</sup>(WALLANT, 1961, p.5), pois há muito ele

---

1 Todas as traduções são de minha autoria. Traduzido do original: “troubled sleep” e “phantoms of his sleep”.

vinha sofrendo com seu sono, conforme ilustra a seguinte passagem: “[n]ão que ele pudesse lembrar o que ele tinha sonhado, mas ele sabia que os sonhos eram ruins. Por anos ele tinha experimentado sonhos ruins de vez em quando, mas ultimamente eles estavam ocorrendo mais frequentemente”<sup>2</sup> (WALLANT, 1961, p. 5-6). Embora Nazerman se recusasse a tocar em qualquer memória de seu passado, elas emergiam involuntariamente no presente através dos seus sonhos. Era como se a negação das memórias ocorrida enquanto ele estava em vigília e consciente encontrasse um modo de emergir durante o seu sono.

Em “Fixação em traumas – o inconsciente”, Freud afirma que os indivíduos que passaram por uma experiência traumática repetem essa situação com regularidade em seus sonhos e a revivem com grande intensidade (FREUD, 1996, 282-283). Esse traço do sujeito que passou por um evento traumático pode ser observado em Sol Nazerman. Tarde da noite, após seu período de leitura, o protagonista diz para si mesmo: “[e]u dormirei como um morto essa noite”<sup>3</sup>(WALLANT, 1961, p. 168). Todavia, o narrador destaca que o sobrevivente “dormiu como um vivo”<sup>4</sup> (WALLANT, 1961, p. 168), ou seja, durante seu sono, ele reviveu todos os sentimentos dolorosos e angustiantes da situação traumática. Ainda durante tal ocorrência, Sol reviveu o momento em que foi obrigado a testemunhar a sua mulher ser estuprada pelos soldados nazistas, simplesmente por questionar os guardas sobre onde ela estava ou o que estava fazendo. Assim como na época de prisioneiro dos campos de concentração, no sonho, Sol assistiu ao abuso de sua esposa horrorizado, até chegar ao ponto de desmaiar (WALLANT, 1961, p. 168-169).

Essa memória que o protagonista tentou reprimir por tantos anos agora se manifesta em seus sonhos de forma tão veemente a ponto de seu físico ser afetado, pois, depois do pesadelo, “[e]le acordou palpitando e encharcado de suor, perguntando-se onde estava”<sup>5</sup>(WALLANT, 1961, p. 169). Além das manifestações físicas como a palpitação e o

2 Traduzido do original: “Not that he could remember what he had dreamed, but he knew the dreams were bad. For years he had experienced bad dreams from time to time, but lately they were occurring more frequently”.

3 Traduzido do original: “I will sleep like the dead tonight”.

4 Traduzido do original: “he slept like the living”.

5 Traduzido do original: “He woke palpitating and drenched in sweat, wondering where he was”.

suor, Nazerman mostrou-se confuso mentalmente, não conseguindo distinguir, num primeiro momento, entre o sonho e a realidade. Esse retorno à situação traumática através do sonho produzia um imenso sofrimento no sobrevivente, que chegou a declarar: “Bom Deus, como eu posso suportar isto?”<sup>6</sup>(WALLANT, 1961, p. 170). Assim como, no momento originário do trauma, Nazerman não suportou a carga afetiva que recebeu e, por isso, desmaiou, agora, depois do sonho, ele acredita não ser capaz de suportar novamente o retorno àquela mesma experiência. Com isso, o trauma não é vivido apenas uma vez, mas repetidamente através dos sonhos.

Além desses sintomas, outros podem se manifestar em vítimas de barbáries como o Holocausto tais como alterações físicas, depressão, angústia, delírios, irritação, alteração de humor, impaciência e distúrbios fisiológicos – como os distúrbios no sono e o retraimento social (JAQUES, 2012, p. 16-17). Nazerman apresentava vários desses sintomas, mas o sofrimento desencadeado em seu sono era tamanho, que o próprio narrador se compadeceu do protagonista. O narrador descreve o sonho de Nazerman, ajudando-o a pôr os corpos dos mortos durante o Holocausto no crematório, cheio de remorso e orando para que não fosse revelada nenhuma face familiar. Ao descrever esse sonho e ao observar a angústia, o medo e a dor de Nazerman em meio aos cadáveres, o narrador se sensibiliza e diz: “Deus, ajude-o se ele enxergar a face de Ruth, a face de seus filhos! Deus, ajude-o por ele ter que ver todos os rostos estranhos, por ver todos”<sup>7</sup>(WALLANT, 1961, p. 198).

Por intermédio dos sonhos de Nazerman, o narrador revela ao leitor eventos ocorridos no período em que o protagonista foi prisioneiro nos campos de concentração. Dessa maneira, o narrador usa os sonhos do personagem para apresentar os sofrimentos do passado que o personagem evitava ao máximo expor. Toma-se como exemplo o sonho em que ele exhibe a forma como Nazerman foi torturado durante o regime nazista:

6 Traduzido do original: “Good God, how can I stand this?”

7 Traduzido do original: “God help him if he should see Ruth’s face, the children’s faces! God help him for having to see all the strangers’ faces, for seeing at all”.

Ele não sentia dor. Mas ele ouviu o serrar do osso, e ele sabia que era seu osso. [...] Era difícil de compreender... ele não sentia nenhuma dor. Então, veio o som de pancadas de partes sendo jogadas em um balde [...]. “O QUE VOCÊS ESTÃO TIRANDO DE MIM?” ele gritou [...]. “Cale a boca, judeu”, uma enfermeira de olhos azuis rosnou em seu rosto. [...] “Tudo pronto”, disse o médico. “Será interessante de ver como ele funciona agora”. Uma mistura de murmúrios de vozes soou como um frio deleite. “Se ele funcionar, se ele realmente funcionar, se você sabe o que eu digo”. [...] Sol uivou sentindo um terror estonteante<sup>8</sup>(WALLANT, 1961, p. 130-131).

Este sonho mostra que o penhorista foi torturado fisicamente ao ser vítima dos experimentos realizados pelos nazistas e, afora isso, revela uma das razões do comportamento de Nazerman: a dor física. O “terror estonteante” da tortura física, nos termos de Elaine Scarry, afeta diretamente o comportamento da vítima. Quando uma grande dor física é infligida a alguém, essa pessoa tende a negar o que sente, ou seja, a dor é uma experiência de negação, pois ela é sufocada no presente de forma que sua representação tende a ser evitada. Para Scarry, outras consequências estão relacionadas à experiência da dor. A autora cita as seguintes: a dissolução da percepção por parte da vítima dos limites entre o externo e interno, o que provoca a perturbadora combinação do isolamento e da exposição; a destruição da linguagem, pois a tendência de destruir a capacidade de discurso é recriada explicitamente, de forma exagerada; a aspiração pela totalidade da dor pelo trauma, fazendo-se sentir em todo o corpo e extravasando o seu domínio, abrangendo e obscurecendo tudo o que é interno e externo com seu poder de alteração e dissolução do mundo; e, por fim, a grande tendência à coisificação (SCARRY, 1985, p. 51-59).

Cathy Caruth (2000, p. 111-136), em “Modalidades do despertar traumático”, faz uma reflexão sobre um sonho descrito por Freud no sétimo capítulo de “A interpretação dos sonhos”, por meio do qual o psicanalista vincula sua teoria dos sonhos e da realização do desejo à realidade da morte, da catástrofe e da perda. O sonho narrado por

8 Traduzido do original: “He felt no pain. But he heard the sawing bone, and he knew that it was his bone. [...] It was hard to realize... he felt no pain. Then there came the clunking sound of parts dropping into a bucket [...]. ‘WHAT ARE YOU TAKING OUT OF ME?’ he screamed [...]. ‘Shut up, Jew’, a blue-eyed nurse snarled into his face. [...] ‘All done’, a doctor said. ‘It will be interesting to see how he functions now’. A murmurous medley of voices sounded a cold glee. ‘If he functions, if he functions at all, if you know what I mean’. [...] Sol howled in a fall of dizzying terror”.

Freud conta que um pai permaneceu durante dias e noites ao lado da cama de sua criança doente. Após a criança morrer, o pai se deita em um quarto próximo para descansar e deixa a porta aberta de forma que consiga observar o corpo da criança, que estava estendido e rodeado por grandes velas. Um senhor idoso que foi chamado para velar está sentado ao lado do corpo, murmurando preces. Algumas horas após dormir, o pai sonha que a criança está ao lado de sua cama, segurando-lhe o braço e o advertindo de que ela está queimando. O pai acorda, vê uma luz clara vindo do quarto em que sua criança estava sendo velada e vai até lá. Ao chegar, encontra o idoso dormindo, e os invólucros e o braço de sua criança queimados por uma vela que caiu acesa sobre ela. Segundo Caruth, Freud dá uma explicação relativamente simples quanto a esse particular.

Segundo o psicanalista, havia um contexto propício para a ocorrência do aludido sonho. Tal contexto fora forjado pela luz das velas que penetrava o quarto, pela fala da criança que, enquanto viva, presumivelmente devia ter repetido que estava queimando devido à febre e, talvez, pelo fato de o pai ter ido dormir preocupado com o idoso vigia que, a seu ver, não seria capaz de cumprir com sua tarefa. Porém, o que chama a atenção é o acontecimento de um sonho em uma situação em que era imperativo acordar o mais rápido possível. Nesse tocante, Caruth, baseada nos argumentos de Freud, declara que não é a realização de um desejo interno que se destaca nesse sonho, mas a sua relação direta com a realidade catastrófica. Vendo a luz por meio de seus olhos fechados, o pai poderia chegar à mesma conclusão se estivesse acordado: de que a filha estava queimando. Entretanto, o sonho não acorda o pai para salvar o corpo de sua filha em chamas, mas “posterga a sua resposta à realidade” (CARUTH, 2000, p. 114). Segundo Freud, “[o] sonho obteve a primazia sobre a reflexão da vigília, porque ele pôde mostrar mais uma vez a criança viva”(In CARUTH, 2000, p. 114). Desse modo, ao mesmo tempo em que o sonho expõe a realidade do corpo queimando, ele esconde a realidade da criança morta. Nesse sentido, o sonho traz o sofrimento mental do pai e a sua relação com a realidade: “como forma de postergação, ele revela o intervalo irremovível entre a realidade da morte e o desejo que não consegue superar, a não ser na ficção ou no sonho”(CARUTH, 2000, p. 115).

Além da relação com o desejo de conservar a criança viva, esse sonho está ligado a um desejo mais profundo: “o desejo do pai de dormir” (CARUTH, 2000, p.116). Ainda de acordo com a pesquisadora, esse desejo é enigmático por vir não apenas do corpo, mas da própria consciência. Essa seria uma consciência vinculada e também cegada pela realidade externa violenta, pois a “própria consciência está ligada a uma morte para a qual ela volta as costas”(CARUTH, 2000, p. 116-117). Essa relação pode ser estabelecida no primeiro sonho de Nazerman descrito pelo narrador no romance. Antes de relatar o sonho, ele comenta que o penhorista convenceu a si mesmo de que estava com sono e logo dormiu. Durante seu sono, o protagonista voltou à época em que fora vítima do nazismo, juntamente com toda a sua família:

254

Seu filho David grunhia com um som de desamparo em algum lugar abaixo e próximo à perna de Sol. “Eu estou escorregando, papai, na sujeira. Eu não consigo ficar em cima”. Mas o que ele poderia fazer sobre isso? Ele estava espremido naquela posição por outros duzentos corpos. [...] “Faça algo por ele”, sua esposa, Ruth, gritou severamente ao lado dele. [...] Ele tentou mover um pouco mais do que seus dedos, e sentiu o cabelo macio e úmido da cabeça de David, enquanto ela deslizava lentamente para baixo. “Eu não posso”, ele reclamou irritado. “O que você espera de mim? Eu não posso mover um músculo?”. [...] Daí veio o som do menino a seus pés fazendo ânsias selvagens e vazias, vomitando e escorrendo na profunda imundície. [...] “Nada, nada, nada [posso fazer]”, Sol gritou em terrível e estrépito som<sup>9</sup>(WALLANT, 1961, p. 37-38).

Como se pode observar, uma situação traumática é revivida nesse pesadelo. No entanto, por mais difícil que fosse a situação do sonho, o qual conduz o protagonista ao próprio desespero, nele, Sol ainda tem a sua família viva e próxima, o que poderia ser menos

---

9 Traduzido do original: “His son David squealed with a rodent sound of helplessness somewhere down near Sol’s leg. ‘I’m slipping in it, Daddy, in the dirty stuff. I can’t stay up’. But what could he do about it? He was pressed into that one position by two hundred other bodies. [...] ‘Do something for him’, his wife, Ruth, cried harshly beside him. [...] He tried to move a little more than his fingers, felt the soft, damp hair of David’s head as it slid slowly downward. ‘I can’t’, he complained peevishly. ‘What do you expect of me? I cannot move a muscle’. [...] There come the sound of the boy at his feet making savage, empty retches, vomiting and slipping around in the bottomless filth. [...] ‘Nothing, nothing, nothing’, Sol shrieked in the awful din”.

doloroso que a consciência da morte de todos eles, consciência essa que ele possuía em estado de vigília. Diferentemente de outros sonhos, como aqueles em que encontrava seus entes queridos mortos, neste, o penhorista não acordou. Segundo descreve o narrador, ele “gemeu em seu sono sem acordar”<sup>10</sup>(WALLANT, 1961, p. 38). Ou seja, apesar de estar vivendo um pesadelo, Nazerman posterga a sua volta à realidade, pois esse sonho, por pior que seja, ainda lhe proporciona ter a sua família viva e próxima, embora a situação de sofrimento não fosse desejada. Dito em outras palavras, o pesadelo ainda é mais aceitável do que a realidade, pois, enquanto esta exclui a possibilidade de o personagem ter sua família perto de si, aquele dá chances de ele interagir com os seus entes queridos.

255

Nazerman também era ciente de que as memórias dos anos terríveis do Holocausto poderiam emergir em seus sonhos, por isso, às vezes, tentava permanecer acordado durante a noite. Sol compreendia que seus pesadelos se tornavam piores e mais frequentes na época do aniversário da morte de sua família, o que demonstra que ele tinha consciência da fonte de seus pesadelos. O romance conta que, às vezes, o protagonista tinha medo de dormir e despendia um grande esforço na tentativa de ficar acordado; contudo, mais cedo ou mais tarde, era vencido pelo sono e, entre os cochilos, vinham cenas de seu terrível sofrimento (WALLANT, 1961, p. 224). A passagem a seguir esclarece a percepção de Nazerman em relação aos seus pesadelos, quando pensa na data em que perdera sua família: “[e]m duas semanas estaria acabado. [...] Sem dúvida seus sonhos viriam menos frequentemente; algum dia eles poderiam cessar totalmente. A capacidade de sonhar era como uma úlcera, um transtorno [...]. Em poucas semanas, ele estaria impregnado novamente”<sup>11</sup>(WALLANT, 1961, p. 102).

Conforme elucidado no capítulo anterior, no decorrer do romance, Nazerman começa a resgatar a sua humanidade após conhecer Marilyn Birchfield. O comportamento frio do penhorista e sua insistência em não criar vínculos afetivos nem mesmo com as pessoas mais próximas começam a ceder espaço a pequenas manifestações de

---

10 Traduzido do original: “moaned in his sleep without waking”.

11 Traduzido do original: “In two weeks it would be over. [...] No doubt his dreams would come less frequently; someday they might cease altogether. The capacity for dreaming was like an ulcer, an ailment [...]. In a few weeks he would be impregnable again”.

afeto, que causam estranheza nele mesmo. Esse processo de mudança de Nazerman é representado em um de seus sonhos. Numa noite, ao voltar da casa de Tessie, Sol foi dormir, sem considerar a possibilidade de sonhar. Contudo, naquela ocasião, mais um pesadelo perturbou o seu sono:

Ele estava parado com suas mãos no rosto, olhando estarecido para o corpo morto da sua filha retorcida sobre um monstruoso gancho que a perfurava pelas costas e se fazia ver na altura do seu peito. Ele começou a gritar, os gritos eram tão intensos, que a sua sensação era a de estar vomitando ou dando a luz. Sua dor forçava todo seu sangue a sair pelos seus poros. Ele não conseguia conter aquilo; e logo seu corpo se desintegraria em pedaços.

“Naomi, *querida* Naomi, meu bebê, meu bebê...”

E então, de repente, lá naquele mesmo corpo de criança, apareceu um outro rosto. Era um rosto grotesco para aquele corpo delicado e infantil, o rosto fino e pálido de um jovem – Morton! E então apareceu o rosto pateticamente depravado de Georg Smith. E, em seguida, o rosto era de Jesus Ortiz. Cada um dos rostos aparecia no corpo do seu frágil bebê com aquele gancho cruel apontando para cima em direção à cabeça. Eles eram como imagens de slides sendo projetadas uma após a outra naquele ponto. [...] E os rostos eram incessantemente substituídos sobre o corpo de sua filhinha empalada no gancho, era como uma descida ao Inferno que não tinha fim. Mabel Wheatly tomou seu lugar no gancho, Tessie, Cecil Mapp, Mendel, Buck White, Sra. Harmon, Goberman, um após o outro sem fim...<sup>12</sup>(WALLANT, 1961, p. 193-194).

Nesse sonho, o narrador enfatiza que, embora tivesse um aspecto irreal, a sucessão de faces não trouxe alívio a Nazerman. Ao

12 Traduzido do original: “He was standing with his hands up to his cheeks, staring at the child’s dead body twisted on a monstrous hook which pierced it from behind and came out the breast. He began screaming, the screams of such unbearable size that the sensation was that of vomiting or giving birth. His grief forced all his blood out of his pores. He could not contain it; soon his body would fly into pieces.

‘Naomi, Naomi *kinder*, my baby, my baby...’

And then, suddenly, there on the same childish body appeared another face. It was a grotesque face for that delicate, childish body, a young man’s thin, sallow face – Morton! And then there appeared the lined, pathetically depraved face of Georg Smith. And then the face was that of Jesus Ortiz. Each face appeared on the frail baby body with the cruel hook pointing up toward the head. They were like slides projected there. [...] And the faces kept changing over the body of his child impaled on the hook, on and on, a descent into Hell that had no ending. Mabel Wheatly took her place on the hook, Tessie, Cecil Mapp, Mendel, Buck White, Mrs. Harmon, Goberman, one after the other without end...”

contrário, fez com que a sua dor aumentasse, se tornasse cumulativa, o que o levou a pensar que o ápice da agonia viria com o aumento da intensidade do próximo momento. Além do terror experimentado durante o pesadelo, Sol sentiu em seu físico uma das consequências de ter o sono perturbado, pois “[e]le acordou realmente esgotado pelo sono escasso e parecia estar mais exausto do que estava na noite anterior”<sup>13</sup>(WALLANT, 1961, p. 194). Dessa vez, o sofrimento psicológico e físico de Nazerman não foi apenas devido a um membro de sua família morta no Holocausto, mas também por aquelas pessoas que, de uma forma ou de outra, conviviam com ele. Nesse sentido, a crescente compaixão de Sol pelo sofrimento dos que o cercam é simbolizada no pesadelo no qual diferentes rostos de pessoas que fazem parte do seu presente são projetados no corpo de sua filhinha morta. Esse sonho e o sofrimento por ele causado indicam que Sol tem algum respeito ou até mesmo amor por essas pessoas.

O último sonho de Nazerman narrado no romance tem uma característica peculiar. Embora tenha despertado uma profunda tristeza no protagonista, ele não provocou o pavor experimentado nos outros sonhos. Conforme a narrativa, “quando ele começou a sonhar, considerou o sonho estranhamente sem o usual terror”<sup>14</sup>(WALLANT, 1961, p. 275). Nesse sonho, o penhorista caminhava com Tessie e seu sobrinho Morton, silenciosamente. Apesar de parecerem indiferentes, caminhavam passo a passo junto a ele. Logo surgiu um cenário semelhante ao dos campos de concentração e, próximo a uma cerca, surgiu a figura de Murillio uniformizado, que lhe alcançou um bilhete no qual Sol leu: “[s]eus mortos não estão enterrados aqui”<sup>15</sup>(WALLANT, 1961, p. 276). No sonho, Sol tentou contestar, mas não foi capaz de falar. Todavia, “foi capaz apenas de trazer uma imensa dor reprimida”<sup>16</sup>(WALLANT, 1961, p. 276). Não obstante o sonho de Nazerman registrar a morte de seus entes queridos, dessa vez, ele não manifestou as mesmas características tal como apresentava antes, pois, apesar da profunda tristeza, não houve o terror, nem as

13 Traduzido do original: “He woke up so drained by poor sleep that it seemed he was more exhausted than he had been the night before”.

14 Traduzido do original: “when he began to dream, he found the dream to be oddly without the usual horror”.

15 Traduzido do original: “Your dead are not buried here”.

16 Traduzido do original: “[he] was able only to bring up an immense strangling pain”.

manifestações físicas que eram decorrentes desses sonhos, como os gemidos, o suor e as palpitações.

Pelo menos duas hipóteses merecem atenção no que se refere a esse evento. Tomam-se aqui as considerações de Ana Augusta Brito Jaques e as de Sandor Ferenczi. No artigo intitulado “As neuroses de guerra e traumáticas: respostas do sujeito à barbárie”, Jaques afirma que o sujeito traumatizado devido a uma situação de guerra sente-se mais próximo dos mortos do que dos vivos e, desse modo, “[c]om identidade e imagem despedaçadas, o sujeito sente-se ameaçado, arremessado de volta ao desamparo, donde advém a angústia, frente a qual uma análise se apresenta como uma possibilidade de alívio de sentimento mortífero pelo recurso da *fala*”[grifo meu] (JAQUES, 2012, p. 20). A narrativa permite ao sujeito registrar sua experiência traumática de forma significativa, reencontrar um novo sentido à sua experiência e, conseqüentemente, diminuir os efeitos do trauma. Nesse sentido, relacionando os sonhos e a narrativa, observa-se que é justamente depois de começar a utilizar o recurso da fala, ou seja, de começar a narrar sobre seu passado para Marilyn Birchfield, que os sonhos de Nazerman começam a ter uma significação diferente, começam a perder o sentido violento e aterrorizante do trauma e passam a ser percebidos como uma lembrança triste.

Por sua vez, Ferenczi, ao tratar da relação entre sonhos e trauma, aponta para uma perspectiva diferente. Segundo o autor, “[t]odo e qualquer sonho, mesmo o mais desagradável, é uma tentativa de levar acontecimentos traumáticos a uma resolução e a um domínio psíquico maiores” (FERENCZI, 1992, p. 112). Assim, a repetição dos acontecimentos traumáticos por meio dos sonhos seria uma tentativa de cura espontânea dos traumas do passado. Os sonhos tentariam restaurar as feridas abertas e a fragmentação causada pelo regime nazista aos seus prisioneiros. Isso não significa necessariamente o cessar dos sonhos, mas sim o estabelecimento de uma nova significação, tornando suportável a repetição do sonho.

Seja como for, os sonhos – ou, mais propriamente, no caso de *The Pawnbroker*, os pesadelos – são resultados de lembranças reprimidas na mente de um sujeito traumatizado pela vida. Por meio da narrativa ou da repetição dos sonhos ou de ambos, o enfrentamento

das memórias traumáticas dos tempos de guerra e extrema violência parece ser o único meio de estabelecer uma ordem a essas memórias fragmentadas e doloridas. Não se apagam as memórias e a dor dos acontecimentos violentos, mas deixa-se de lado a repressão (inútil, diga-se) de tais lembranças, a fim de, ao serem externalizadas, adquirirem um novo sentido para o sujeito para que possa viver mais dignamente.

**BIBLIOGRAFIA**

CARUTH, Cathy. Modalidades do despertar traumático (Freud, Lacan e a ética da memória). In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). *Catástrofe e representação: ensaios*. São Paulo: Escuta, 2000.

FERENCZI, Sandor. Reflexões sobre o trauma. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas de Sandor Ferenczi*. Trad. Álvaro Cabral. v. 4. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Vol. IV.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (Primeira parte). In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. IV.

\_\_\_\_\_. Fixação em traumas – o inconsciente. In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XVI.

\_\_\_\_\_. O material dos sonhos – a memória nos sonhos. In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. 1996.

GINZBURG, Jaime. *Narrative, Memory and Ruins*. 2012. Palestra realizada na Florida International University, EUA, em 19 nov. 2012. Disponível em: <[www.youtube.com/watch?v=AB8doI54j1c](http://www.youtube.com/watch?v=AB8doI54j1c)>. Acesso em: 11 abr. 2013.

JAQUES, Ana Augusta Brito. As neuroses de guerra e traumáticas: respostas do sujeito à barbárie. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 10-24, jun., 2012.

SCARRY, Elaine. *The Body in Pain: the Making and Unmaking of the World*. New York: Oxford University Press, 1985.

WALLANT, Edward Lewis. *The Pawnbroker*. New York, London: A Harvest; HBJ Book, 1961.